

AS INSTITUIÇÕES NA FEIRA AGROECOLÓGICA

Carla Cristiane Pagliari Nunes

Graduada em Administração. Mestrado em Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável.

E-mail: carla.financeiro@gmail.com

Clério Plein

Graduado em Economia Doméstica. Mestrado e Doutorado em Desenvolvimento Rural. Atualmente é professor dos cursos de Economia Doméstica e Serviço Social da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), e dos mestrados em Desenvolvimento Rural Sustentável da UNIOESTE (campus de Marechal Cândido Rondon) e Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável da UFFS (campus de Laranjeiras do Sul, PR). E-mail: clerioplein@gmail.com

Resumo

O objetivo desse artigo é um estudo sobre a feira agroecológica em Laranjeiras do Sul- Paraná, sob a ótica da teoria institucional do economista Douglass Cecil North. Para esse autor as instituições formais são as leis, normas, convênios, circulares entre outras formalmente instituídas; as informais têm relação aos costumes, tradição, hábitos e crenças e a aplicação ou a forma como as duas evoluem ao longo do tempo. A feira agroecológica em Laranjeiras do Sul é mediada por uma série de instituições, sendo que prevalecem sob a ótica dos feirantes as informais apesar de ser influenciada por leis e regramentos formais identificou-se que a ideologia, hábito e saúde representam os anseios da maioria dos feirantes, além de ser uma importante ferramenta de reprodução social.

Palavras-chave: Feira. Instituições. Agroecologia. Mercados.

Abstract

The purpose of this article is a study of the fair agroecologica in the Laranjeiras do Sul-Paraná, from the perspective of institutional theory of economist Douglass Cecil North. For this author formal institutions are the laws, rules, agreements, circulars and other formally instituted; informal are related to the customs, traditions, habits and beliefs and the application or how the two evolve over time. The fair agroecologica in Laranjeiras do Sul is mediated by a number of institutions, and prevail from the perspective of merchants informal despite being influenced by formal laws and specific regulations identified that ideology, habits and health represent the wishes of the majority of fairground as well as being an important social reproduction tool.

Keywords: Fair. Institutions. Agroecology. Markets.

1 INTRODUÇÃO

O objetivo desse artigo é um estudo sobre a feira agroecológica em Laranjeiras do Sul-Paraná, sob a ótica da teoria institucional do economista Douglass Cecil North. As intenções que justificam essa pesquisa têm relação direta com a valorização dos agricultores familiares do município que optaram trabalhar de modo agroecológico e que utilizam entre outras formas de comercialização a feira. A iniciativa partiu do princípio de estudar os agricultores familiares agroecológicos do Município que com a venda direta na feira disponibilizam aos consumidores a oportunidade da compra de alimentos que foram produzidos de modo diferenciado

sem adição de insumos químicos ou agrotóxicos, em face de todo esse processo existe uma série de sentimentos, motivações, necessidades ou exigências que se cumprem desde a produção até a venda, a isso chamamos de instituições.

As instituições sob a luz da teoria institucional de Douglass North são as regras formais ou informais bem como a aplicação delas ao longo do tempo, e a identificação dessas, ou seja, o estudo institucional da feira agroecológica em Laranjeiras do Sul é o objetivo geral desse estudo.

As fases pelas quais se justificam os modelos econômicos vigentes na sociedade são frutos de longas e contraditórias alterações nos hábitos, crenças, costumes e leis, para tanto, entendê-las é crucial e necessário para a compreensão de como as mudanças nos modos como o agricultor familiar se organiza para garantir sua reprodução social e sua manutenção econômica no mercado cada vez mais acirrado e dinâmico. É através dos mercados que o agricultor encara o capitalismo nas trocas mercantis e as formas como são realizadas podem também explicar o sucesso ou as dificuldades do modo como os agricultores familiares vão se reproduzir socialmente fato que corrobora a importância desse estudo, pois a feira pode ser um modo de grande importância para as famílias se reproduzirem socialmente.

Historicamente os agricultores familiares foram a partir da revolução verde nos anos de 1960 sendo excluídos dos mercados e a produção convencional ditando as regras para a produção, venda e consumo, porém com o passar dos anos as famílias em contra movimentos passaram a desenvolver novos mercados e criar alternativas tanto de comercialização como é o caso da agroecologia bem como construindo socialmente novos canais de comercialização, sendo um exemplo disso, a feira agroecológica em Laranjeiras do Sul (EHLERS, 1999 POLANY, 2000).

Um ponto a ser avaliado é que quando se pensa a produção agroecológica deve-se ligá-la à comercialização, pois são caminhos que andam juntos, surge então necessidade de entender a dinâmica e em que bases institucionais os mercados de produtos agroecológico estão embasados, visando encontrar gargalos e possibilidades para alavancar a inserção aos mercados dos produtos agroecológicos produzidos localmente através da venda na feira.

E por fim, com o estudo dessa dinâmica no município de Laranjeiras do Sul, as conclusões possam ser expandidas em alguns aspectos para os outros municípios da Cantuquiriguaçu, promovendo novas linhas de entendimento do processo mercadológico de produtos agroecológicos, direcionando para novas oportunidades ou que se possam entender os fatores institucionais limitantes ou potencializadores desse processo na região.

O município estudado pertence ao Território da Cantuquiriguaçu e possui os municípios de Porto Barreiro, Rio Bonito do Iguaçu, Nova Laranjeiras, Virmond e Marquinho como limítrofes, onde, segundo o Censo (2010), a população era de 30.777 pessoas, em sua maioria residentes na zona urbana. A área atual é de 672,084 km², após o desmembramento de novas cidades como Rio Bonito do Iguaçu e Porto Barreiro mais recentemente em 1996. Laranjeiras do Sul foi emancipado politicamente em 30 de Novembro de 1946 e possuía IDH-M de 0,706 em 2010 e para o mesmo ano 0,54 para o índice de Gini (IBGE, 2015).

O Município, assim como outros da região, apresenta histórico de concentração de terras, pois de acordo com o censo (IBGE, 2006) existem 1641 estabelecimentos rurais cuja representatividade da agricultura familiar é de 75%, porém esses detêm apenas 16.555 ha e os estabelecimentos não familiares representando 415 unidades possuem 40.331 ha para cultivo, demonstrando concentração de terras e sugerindo também de renda (IBGE, 2006).

O embasamento teórico dessa pesquisa ocorreu pela Teoria Institucional de Douglass North e envolveu agricultores familiares agroecológicos, por isso sugerem-se alguns conceitos e linhas de pesquisa que embasam essa pesquisa.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O agricultor familiar propõe grande importância social, econômica e produtiva não só em Laranjeiras do Sul, mas para toda a sociedade, apresentando características peculiares quando o assunto é o arranjo e rearranjo produtivo e possui um contexto que lhe é inerente ao modo de organização e de interação aos mercados.

Já Lamarche (1993) fala dos agricultores familiares como portadores de tradição fundamentados na centralidade da família, nas formas de produção e pelo modo de vida, “a agricultura familiar não é um elemento de diversidade, ela é a própria diversidade” (LAMARCHE, 1993, p. 18). E a evolução histórica da noção de agricultura familiar para algumas correntes é a de que venha do camponês como para Abramovay (1992), que pioneiro no Brasil fez essa distinção entre agricultura familiar e campesinato, sendo que para o autor a diferença reside especialmente na forma de organização, uma vez que na agricultura familiar ocorre uma maior interação com os mercados (ABRAMOVAY, 1992; PLEIN, 2016).

A evolução analítica, o crescimento do debate acadêmico e das demais entidades, como a FAO, dos movimentos sociais, dados Censitários entre outros, posteriormente foram utilizadas para dar direcionamento das políticas públicas como o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF) no ano de 1996 e outros como PAA e reformulações no PNAE. Nos moldes legais em que se apresentam essas instituições formais passam a direcionar e nortear elementos para posteriores tomadas de decisões que podem abranger inúmeros agricultores familiares com realidades, concepções, hábitos e costumes diferentes, que são as instituições informais em todo o Brasil, embasados em um mesmo enfoque normativo e jurídico.

O conjunto de instituições e a forma como se desenvolvem ao longo dos anos passam a delinear o comportamento e a organização dos agricultores familiares, nesse sentido, Abramovay (1997) contribuiu trazendo a família como principal detentora da força produtiva e da gestão, ou seja, o trabalho é em sua maior parte da própria família. Apesar do reconhecimento pelo autor que isso não seja unânime em todas as esferas (acadêmica, para fins de crédito e outras políticas), classifica e enumera importante que três atributos estejam presentes em todas elas: gestão, trabalho e propriedade familiares (ABRAMOVAY, 1997).

Os avanços institucionais promoveram grande avanço para a agricultura

familiar, que até meados do ano de 2006 não era considerada uma categoria social, até que em 24 de Julho desse ano a Lei 11.326/06¹ legalmente a instituiu como tal e para efeitos dessa Lei, o agricultor familiar ou empreendedor rural é aquele que pratica atividades no meio rural e que atendam aos seguintes critérios simultaneamente:

I - não detenha, a qualquer título, área maior do que 4 (quatro) módulos fiscais; II - utilize predominantemente mão-de-obra da própria família nas atividades econômicas do seu estabelecimento ou empreendimento; III - tenha renda familiar predominantemente originada de atividades econômicas vinculadas ao próprio estabelecimento ou empreendimento; III - tenha percentual mínimo da renda familiar originada de atividades econômicas do seu estabelecimento ou empreendimento, na forma definida pelo Poder Executivo; (Redação dada pela Lei nº 12.512, de 2011) IV - dirija seu estabelecimento ou empreendimento com sua família (BRASIL, 2006).

Embasados pelas contribuições teóricas e pela instituição formal a Lei 11.326, aliamos as contribuições de Wanderley que propõem a família como proprietária dos meios produtivos e que assume o trabalho, dizendo ainda “[...] o caráter familiar não é mero detalhe superficial e descritivo: o fato de uma estrutura produtiva associar família-trabalho-produção tem consequências fundamentais para a forma como ela age econômica e socialmente.” (WANDERLEY, 2009, p. 156).

A agricultura familiar, portanto, é fomentada por instituições formais como é o caso da Lei que a instituiu, ou pelas informais relacionadas aos anseios, a forma de organização e a participação da família no processo produtivo e de reprodução econômica e social, propondo certa mercantilização, que nesse caso ocorre com a participação na feira, e segundo Ploeg (2008) a mercantilização é um processo pelo qual o valor de troca não necessariamente o valor de uso passa a ter grandes influências, sendo que a agricultura não produz somente alimentos, mas princípios e valores e que a mercantilização é um processo envolto em constantes relações socioculturais.

Tais formas de organização ficam muito mais valorizadas e sobressalentes quando pensamos em organização de processos para a agroecologia que possui particularidades indissociáveis das instituições informais, como a ideologia, hábitos, costumes conforme veremos a seguir.

A produção agroecológica possibilita grande interação entre os saberes e conhecimentos tradicionais dos agricultores que lhe é fundamental em todo o contexto produtivo, bem como suas inter-relações com o meio ambiente e com a comunidade o que não é possível na agricultura convencional. Esses temas propõem a agroecologia como muito além dos aspectos produtivos, mas como ciência e movimento social, que é trabalhado por Wezel *et al.* (2009).

Surge então a proposição de fazer da agroecologia nova seara para a disseminação de meios que promovam mais inclusão social, com produtos diversificados, de maior qualidade e ambientalmente mais coerentes com a natureza, uma vez que seus fundamentos se opõem aos propostos pela forma

¹ Com a aplicação desta definição dada pela Lei nos dados do Censo Agropecuário de 2006 sinalizou que no Brasil 84,4% dos estabelecimentos são da agricultura familiar e que a área ocupada por tais estabelecimentos era de apenas 24,3%, ou seja, elevada concentração agrária no país (IBGE, 2006).

convencional de agricultura que foram evoluindo ao longo do tempo, mas que na década de 1920 começam emergir movimentos contrários aos avanços do quimismo de Justus Von Liebig que pregavam o uso da matéria orgânica e outras práticas que favoreciam os processos biológicos (EHLERS, 1999).

Aos movimentos contrários Ehlers chamou de “movimentos rebeldes”, pois se opunham ao padrão dominante da época, e foram classificados pelo autor em quatro grandes vertentes², que mais tarde nos anos 1970, passariam a ser conhecidos como *agricultura alternativa*.

Na Europa surgem: a agricultura biodinâmica, iniciada por Rudolf Steiner em 1924; a agricultura orgânica, cujos princípios foram estabelecidos entre os anos de 1925 e 1930, pelo pesquisador inglês Sir Albert Howard e difundidos, a partir da década de 40, por Jerome Irving Rodale, nos EUA; e a agricultura biológica, inspirada nas ideias do suíço Hans Peter Muller e mais tarde difundida na França por Claude Aubert. A outra vertente, a agricultura natural, surgiu no Japão, a partir de 1935, e baseava-se nas ideias de Mokiti Okada (EHLERS, 1999, p. 47).

A evolução que foi tomando corpo evoluiu e com o passar do tempo foram surgindo novas instituições formais e informais que procuravam valorizar esses novos modos produtivos e de vida em todo o mundo. No Brasil surge uma instituição formal no ano de 2003, a Lei 10.831/03, que veio a dispor sobre a agricultura orgânica e para efeito dessa Lei engloba-se no sistema orgânico de produção: ecológico, biodinâmico, natural, regenerativo, agroecológicos, permacultura e outros que atendam os princípios estabelecidos, trazendo elementos das questões sociais, econômicos, ecológicos e ambientais. Segundo a lei brasileira em seu artigo 1º:

Considera-se sistema orgânico de produção agropecuária todo aquele em que se adotam técnicas específicas, mediante a otimização do uso dos recursos naturais e socioeconômicos disponíveis e o respeito à integridade cultural das comunidades rurais, tendo por objetivo a sustentabilidade econômica e ecológica, a maximização dos benefícios sociais, a minimização da dependência de energia não-renovável, empregando, sempre que possível, métodos culturais, biológicos e mecânicos, em contraposição ao uso de materiais sintéticos, a eliminação do uso de organismos geneticamente modificados e radiações ionizantes, em qualquer fase do processo de produção, processamento, armazenamento, distribuição e comercialização e a proteção do meio ambiente (BRASIL, 2003).

Vale a análise ainda do fato da Lei tratar de orgânicos os produtos agroecológicos englobando-os, pois pode vir a ser encarado como uma barreira formal entre os militantes da agroecologia, pois poderia se enquadrar no que autores como Wuerges e Simon (2007) que tratam da ideia de “mercantilização da ecologia” ao tratar os orgânicos como um rentável nicho de mercado simplesmente, desconsiderando elementos sociais, ambientais e éticos.

Percebe-se no trecho da Lei 10.831/03 que a sua existência formal busca privilegiar também instituições informais (aspectos sociais e integridade cultural) que

² Existem ainda outras designações como, por exemplo, permacultura, agricultura ecológica, agricultura regenerativa, entre outras que são variantes das quatro vertentes citadas.

na agroecologia são muito mais enaltecidas que na agricultura convencional. No entanto o termo agroecologia está muito longe de apresentar um conceito definido e concreto, pois é visto por variadas linhas de entendimento, como ciência, como prática ou movimento. Para privilegiar esse debate Wezel *et al.* (2009) em seu artigo aborda em alguns países a agroecologia como ciência, prática ou movimento social., segundo esse a agroecologia nos Unidos da América foi entendida como ciência com maior ênfase, mas também como prática e movimento; na Alemanha como disciplina científica, na França como prática e no Brasil de acordo com os autores se observam as três linhas de pensamento, porém com maior intensidade para prática e movimento, sendo esse um ponto a ser observado na ótica dos feirantes se a agroecologia para eles é uma ciência, movimento ou prática.

O autor de onde partem as ideias básicas desse trabalho é representante da chamada Nova Economia Institucional que é posterior à economia institucionalista cujos trabalhos de origem são encontrados em Thorstein Veblen, John Commons e Wesley Mitchell, chamado de “antigo institucionalismo”. Surge então como uma nova vertente, a “Nova Economia Institucional”, com as contribuições de Ronald Coase, Oliver Williamson e Douglass North de onde partem as ideias que serão debatidas nesse estudo e mais recentemente uma terceira corrente chamada de “neoinstitucionalismo” que procura fazer um resgate do antigo institucionalismo, sendo um referencial Geoffrey Hodgson que apresenta esforços para dialogar com Douglass North (PLEIN, 2016).

As instituições que são o princípio dessa contribuição teórica podem ser entendidas por autores com outros direcionamentos conceituais ou outras vertentes, porém nesse serão abordadas apenas pela concepção de Douglas North, ressaltando que apesar do autor utilizar o desempenho e a eficiência econômica para compor sua teoria geral, nesse estudo esse aspecto é desconsiderado, sendo absorvidas as ideias a contribuição das instituições, de sua evolução e da dinâmica institucional que são obtidas através da matriz institucional.

Para Gala (2003) a evolução teórica analítica de North se concretiza em 1993, quando ganha o Prêmio Nobel, passando a ser referencial no estudo de desenvolvimento de economias de longo prazo. Basicamente, conforme cita Gala (2003, p. 89) “Numa obra com muitas incursões históricas e algumas inovações teóricas, o autor procura demonstrar como o crescimento de longo prazo, ou a evolução histórica, de uma sociedade é condicionado pela formação e evolução de suas instituições.” desenvolvendo seus trabalhos no sentido de entender tais instituições e seu papel na evolução das sociedades.

Segundo North (1990, p. 03) “*institutions are the rules of the game in a society or, more formally, are the humanly devised constraints that shape human interaction*”³. O conceito é ampliado no artigo de 1991, conforme segue:

Institutions are the humanly devised constraints that structure political, economic and social interaction. They consist of both informal constraints (sanctions, taboos, customs, traditions, and codes of conduct), and formal rules (constitutions, laws, property rights). Throughout history, institutions

³As instituições são as regras do jogo em uma sociedade ou, mais formalmente, são os constrangimentos humanamente concebidos para estruturar a sua interação (Tradução livre).

have been devised by human beings to create order and reduce uncertainty in exchange. (...) They evolve incrementally, connecting the past with the present and the future; history in consequence is largely a story of institutional evolution in which the historical performance of economies can only be understood as a part of a sequential story. Institutions provide the incentive structure of an economy; as that structure evolves, it shapes the direction of economic change towards growth, stagnation, or decline (NORTH, 1991: 97).⁴

Apesar de evoluir no conceitual ainda persistia uma lacuna na teoria tal como se pretende trabalhar nesse estudo que é a ideia da evolução das instituições, que vem a ser preenchida pelo trabalho de 1994, onde segundo North (1994, p. 360)

Institutions are the humanly devised constraints that structure human interaction. They are made up of formal constraints (e. g., rules, laws, constitutions), informal constraints (e. g., norms of behavior, conventions, self-imposed codes of conduct), and their enforcement characteristics.⁵

Portanto, o entendimento do conceito de instituições para Douglass North é de que elas podem ser formais que abrangem as leis, decretos, normas entre outros aspectos legais e as informais que são os costumes, cultura, hábitos, tradição, padrões morais, éticos ou ideológicos entre outros, que regem as relações, incluindo-se na análise as formas como essas são aplicadas ou evoluem ao longo do tempo, sendo que as formais podem ser criadas ou extintas com maior facilidade, enquanto que as informais são mais difíceis de serem modificadas, criadas ou extintas, pois são mais subjetivas tendo relação com o contexto pessoal.

Para efeitos da pesquisa, as instituições serão as regras ou normas dos mercados de produtos agroecológicos, e as organizações todas as pessoas e entidades envolvidas no processo e que dão dinâmica às instituições, que North trabalha metaforicamente essa discussão usando a comparação que as instituições são as regras do jogo e as organizações são os jogadores:

Organizations include political bodies (political parties, the Senate, a city council, a regulatory agency), economic bodies (firms, trade unions, family farms, cooperatives), social bodies (churches, clubs, athletic associations), and educational bodies (schools, universities, vocational training centers).

⁴As instituições são os constrangimentos humanamente concebidos que estruturam as interações política, econômica e social. Elas consistem em restrições informais (sanções, tabus, costumes, tradições e códigos de conduta) e regras formais (constituição, leis, os direitos de propriedade). Ao longo da história, as instituições foram criadas por seres humanos para criar ordem e reduzir a incerteza em troca. (...) Elas evoluem de forma incremental, que liga o passado com o presente e o futuro; a história, em consequência é basicamente uma história da evolução institucional na qual o desempenho históricoda economia só pode ser entendido como parte de uma história sequencial. As instituições fornecem a estrutura de incentivos de uma economia, como essa estrutura se desenvolve, molda a direção da mudança econômica para o crescimento, estagnação ou declínio (Tradução livre).

⁵As instituições são os constrangimentos humanamente concebidos que estruturam a interação humana. Se constituem de restrições formais (por exemplo, regras, leis e constituições) restrições informais (por exemplo, normas de comportamento, convenções, códigos de conduta) e suas características de execução (Tradução livre).

They are groups of individuals bound by some common purpose to achieve objectives⁶, (NORTH, 1990, p. 05).

Portanto a complementaridade entre instituições, organizações, mercados bem como a interação, evolução ou aplicação (*enforcement*) entre elas para verificar as suas dificuldades ou potencialidades e seu estudo será aplicado à feira agroecológica visando possibilitar novas linhas de debate ao tema, sendo necessária a explicação dos passos metodológicos para o alcance dessa intenção.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esse estudo é de cunho qualitativo cuja unidade de análise é a feira agroecológica em Laranjeiras do Sul, no estado do Paraná. Trata-se de parte de um estudo dissertativo que envolveu os agricultores agroecológicos feirantes, dos quais foram entrevistadas pelo menos uma pessoa por família participante da feira, totalizando onze entrevistas realizadas durante as feiras entre os meses de Agosto à Outubro e organizadas por ordem numérica progressiva.

A realização das entrevistas foi precedida de revisão teórica sobre o tema escolhido especialmente a Teoria Institucional de Douglass North, cuja matriz analítica embasou as perguntas realizadas com os feirantes. Foram aplicadas onze variáveis que compõem direta e indiretamente a análise institucional proposta por esse autor conforme o Quadro 1.

Quadros 1- Variáveis de análise dos questionários aplicados

ORGANIZAÇÕES	Quais as entidades ou “jogadores” que fazem parte deste mercado? O que eles fazem? São articulados? Como?
HISTORIA	Quando começou? Por quê? Como? O que mudou? O que permaneceu?
REGRAS FORMAIS	Existem leis, normas, decretos etc, que influenciam os mercados de produtos agroecológicos? Dificultam ou ajudam? Quem controla ou monitora? Existe algum aspecto formal que precisa mudar?
REGRAS INFORMAIS	O que o (a) leva a participar dos mercados de produtos agroecológicos? Qualidade? Preço? Saúde? Costume? Tradição?
APLICAÇÃO DAS REGRAS	O que o (a) leva a permanecer ou sair? Alguma coisa mudou ou pensa que mudará?
FORMAÇÃO DE PREÇOS	O que influencia para formar preço? E para comprar? É caro ou barato? Por quê?
MOTIVAÇÕES	Quais foram os motivos que fizeram aderir a este mercado? O que motiva a continuar?
DESMOTIVAÇÕES	Quais foram as principais dificuldades ao começar participar desse mercado? E atualmente o que dificulta a sua participação?
PERSPECTIVAS	O que pensa sobre esse mercado? Pretende continuar participando? Por quê?
RELAÇÕES DE PODER	Obedece a algum órgão, entidade ou pessoa para participar?
TOMADA DE DECISÃO	Como ocorre a tomada de decisão em relação ao que vender, quanto, como, valor...etc?

Fonte: Adaptado de Plein (2016).

⁶Organizações incluem corpos políticos (partidos políticos, o Senado, o conselho da cidade, as agências de regulação), os corpos econômicos (empresas, sindicatos, agricultores familiares, cooperativas), os órgãos sociais (igrejas, clubes, associações atléticas), e órgãos de educação (escolas, centros de formação das universidades, e de formação profissional). Eles são grupos de indivíduos vinculados por um propósito comum para alcançar os objetivos (Tradução livre).

Com as respostas, tendo em vista o caráter aberto das perguntas, identificaram-se situações e sentimentos que permitiram identificar o que chamamos nesse estudo de matriz institucional da feira, conforme resultados e discussões a seguir apresentados.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A feira é uma forma de comercialização muito utilizada e com certa mística em torno exigindo preparação, vontade e dedicação, nesse caso a feira valoriza as instituições informais como o contato, os laços de amizade, a união em torno da programação e arranjo além da ideia de equipe e coletividade para decidir sobre preços. E se observada por outro prisma valoriza também as instituições formais, pois todos os produtos que estão expostos e são colocados à venda seguem normas, leis e atendem aos padrões exigidos pela certificação.

Para Dullely *et al.* (2000), e que se confirmou na pesquisa de campo, os participantes da feira são pequenos agricultores familiares associados ou filiados a associações ou cooperativa onde além da ajuda mútua partilham e geram conhecimentos agrícolas, além do autor reconhecer que nas feiras para o consumidor há a oferta de maior variedade de produtos tendo em vista a participação de vários produtores, cada um contribuindo com o que possui para venda em sua propriedade, fato esse também percebido na feira.

A feira agroecológica acontece duas vezes na semana: nas quintas-feiras a partir das quinze horas e aos sábados das nove às onze e trinta, na praça central da cidade, nos sábados sob a sombra de uma árvore e nas quintas feiras ao lado de uma quadra poliesportiva. Inicialmente a produção era comercializada nas próprias casas dos produtores e na sede da cooperativa da qual os produtores fazem parte, porém, com o aumento da procura sugeriu-se a tentativa de compor a feira, que passou a acontecer todas as quintas naquela ocasião e posteriormente ampliou-se. Conforme relato da entrevista: “no começo a gente trazia duas ou três caixas de verduras, hoje veja....só daqui onde estamos consigo contar trinta e cinco caixas.” (ENTREVISTA 5, AGRICULTOR FEIRANTE, AGOSTO, 2015), demonstrando o avanço ocorrido, corroborada com o fato de ampliar-se para mais um dia na semana. Acompanha-se na figura 1 a realização da feira no momento das coletas das entrevistas e da pesquisa a campo em seus dois locais de realização.

Figura 1 - Local de realização da feira agroecológica em Laranjeiras do Sul nas quintas feiras e sábados



Fonte: Elaborado pelos autores com base na pesquisa de campo, 2015.

Embasados nas respostas e percepções obtidas durante a feira, observou-se alguns apontamentos que direcionam para as análises expostas conforme seguem, de acordo com a sequência estipulada nos procedimentos metodológicos.

As organizações são todos os participantes do processo, que no caso é a comercialização na feira agroecológica e para isso quando questionados os feirantes sobre quais seriam as organizações ou entidades, ou seja, “os jogadores” desse mercado foram elencados: A cooperativa ou associações, o Movimento Sem Terra (MST), Rede Ecovida, Universidade Federal da Fronteira Sul, os consumidores, Centro de Desenvolvimento sustentável e Capacitação em Agroecologia (CEAGRO).

A cooperativa citada é a norteadora de todo o processo de comercialização de um dos grupos agroecológicos e surgiu a partir da necessidade de ter uma entidade que fizesse o papel de gestão. Assim como outro grupo possui uma associação que os representa do mesmo modo em contexto de coletividade.

O MST foi citado como entidade que possui relação com os mercados de produtos agroecológicos tendo em vista os agricultores estarem vinculados ao movimento e de acordo com os mesmos é um dos incentivadores da agroecologia no município. Já a Rede Ecovida possui relação direta com os produtores, pois além de dar direcionamento para as questões de certificação ajuda e busca orientar ações com relação aos aspectos produtivos, de controle buscando prestar assistência e assessorar a comercialização dos produtos locais, conforme entrevistas ouvidas.

O CEAGRO foi citado como fomentador de práticas agroecológicas, trata-se de uma escola que visa o aprimoramento das práticas de trabalho e de assistência e por fim, citada como propulsora científica da agroecologia surge nas entrevistas a UFFS, que segundo a entrevistada 11 (FEIRANTE, OUTUBRO DE 2015):

[...] com a vinda da UFFS, a gente sentiu mais ânimo, tem o curso de agronomia com ênfase em agroecologia que já confirma a preocupação da instituição com essa questão [...], veja só, poderia vim qualquer curso, mas não, além de ficar perto do assentamento ainda valoriza o que a gente prega e acredita.

Quando questionados se havia articulação entre as entidades todas as respostas foram afirmativas, que em alguns momentos ocorre articulação e que uma

muitas vezes direciona ações para outras, por exemplo, os cursos promovidos com a parceria CEAGRO x UFFS, MST x UFFS, e conforme citado pelo entrevistado 4:

[...] todas as entidades são articuladas, uma precisa da outra, em algum momento a gente vai se “esbarrar” e um vai ter que ajudar o outro, muitas vezes um tem que ceder para favorecer o outro” e continua [...] o MST traz a vontade, a ideologia, a UFFS traz o conhecimento, os projetos, o Ceagro e a Rede os ensinamentos e a assistência e a gente a vontade de trabalhar.” (ENTREVISTA 4, AGRICULTOR FEIRANTE, AGOSTO DE 2015).

Percebe-se que existe uma série de entidades que alavancam a agroecologia em Laranjeiras do Sul que interagem e estão em contínua mudança e dinamismo, em função de ideais ou práticas que por consequência propiciam o funcionamento da feira agroecológica. Estas podem ter evoluído para o atual estado em que se encontra por diversos fatores, um deles pode ser entendido pelo seu contexto histórico, que também foi item de análise feito pelos agricultores.

Na maioria das entrevistas o Movimento Sem Terra foi citado como fomentador do processo de desenvolvimento das práticas agroecológicas, alguns entrevistados citaram que durante o período em que ficaram acampados já buscavam esse ideal, porém ainda sem condições para tal que motivou a participação dos mais jovens ocorrida por tradição ou costume, conforme na entrevista 10, que a jovem cita ter sido incentivada pelo pai, que percebendo os problemas que o uso dos agrotóxicos traz para sua saúde optou por mudar para a agroecologia, isso foi fator determinante, porém fato que chamou bastante atenção foi a seguinte frase citada por ela: “*quem ama a Terra, a sua família e a família dos outros faz agroecologia.*” (ENTREVISTA 10, AGRICULTORA FEIRANTE, SETEMBRO DE 2015). Outro produtor citou a saúde: “*eu acho que foi uma saída boa para mim, porque depois que parei de trabalhar com veneno o veneno fez mal pra mim, depois que eu parei o veneno se manifestou.*” (ENTREVISTADO 1, FEIRANTE, AGOSTO, 2015)

O que se percebeu nas entrevistas foi que não existe consenso sobre a história da agroecologia entre os feirantes, alguns aderiram por participarem da cooperativa, outros por incremento de renda, proporcionar a disseminação de alimentos mais saudáveis para além de suas famílias, mas a maioria citou ser um ideal ou uma ideologia que visa o bem estar de todos, do ambiente e de suas famílias, esse sentimento se amplia aos Programas institucionais e não somente com a disponibilização dos produtos na feira, valorizando assim outras famílias que não tem acesso a feira, como crianças e pessoas de entidades receptoras das políticas públicas federais.

Com relação aos regramentos formais não existe consenso se atrapalham a comercialização na feira ou auxiliam, porém o consenso é que para todos os feirantes existe a desmotivação quanto ao não cumprimento das leis quando comparada a agricultura convencional e agroecologia, segundo os entrevistados quem precisa se precaver com selos e garantias formais são os que não agridem o ambiente, pois não utilizam insumos químicos e agrotóxicos em face que a agricultura convencional é movida por esse tipo de produto. Observou-se, portanto a

discordância se tais instituições dificultavam ou ajudavam, pois em várias entrevistas foi citado que as leis tinham grande importância, porém a sua aplicação não necessariamente auxiliava os mercados de produtos da agroecologia tendo em vista regramentos sanitários e de certificação necessários para a venda na feira.

Na entrevista 4 cita-se que as leis dificultam no geral a comercialização, conforme ele relatou quando questionado o assunto:

Eu acho que dificulta, embora a gente sabe que traz garantia pra gente, eu acho assim que a lei é muito pesada pro agroecológico, porque quem produz e “bota” veneno a torto e direito não precisa comprovar nada... e nós que produzimos diferente temos que comprovar, tem que ter todas as normas, normas de barreira, embora a gente saiba que essas barreiras quase não adiantam, mas é regra e tem que ser cumprida [...] e pro agronegócio isso não existe e eles que deveriam de fazer. (ENTREVISTA 4, FEIRANTE, AGOSTO, 2015).

Confirmando a opinião da entrevista 4, o agricultor cita que também acredita que as leis dificultam segundo ele, “*Eu acho que devia ter Lei pra quem produz com veneno, não pra quem quer saí do veneno porque hoje pra nós lá nos temos que fazer toda nossa proteção, se o vizinho passar veneno e nós for atingido, nós somos o único prejudicado.*” (ENTREVISTA 01, AGRICULTOR FEIRANTE, AGOSTO, 2015).

Existem instituições formais que limitam a venda na feira com relação aos processos produtivos que de acordo com as entrevistas burocratizam a produção e acabam influenciando novas instituições a serem desenvolvidas. Nas instituições informais estão as mais relacionadas aos sentimentos, são mais subjetivas tem relação direta com o que os agricultores esperam, acreditam ou buscam. São relacionadas com hábitos, costumes, tradição, cultura entre outros aspectos.

As instituições informais se mesclam com aspectos observados na história. Nas regras informais encontram-se presentes muito fortes os aspectos culturais e ideológicos, especialmente notados nos agricultores em sua grande maioria vindos junto com história de lutas do Movimento Sem Terra, que quase na totalidade dos agricultores entrevistados foi citado como ponto culminante para o desenvolvimento agroecologia na cidade. A jovem entrevistada cita que “comecei na prática em 2004, mas sempre estive ao lado da agroecologia, minha família sempre valorizou o trabalho sem agrotóxico e meu tio era do Movimento (MST, nesse caso) e sempre incentivava a gente, sempre participei dos cursos que davam” (ENTREVISTA 11, AGRICULTORA FEIRANTE, OUTUBRO, 2015).

A participação na feira se revelou mais de cunho social e de ideologia que monetário, pois fatores subjetivos estavam presentes em todas as entrevistas coletadas, conforme:

A gente sabe que não vai ficar rico, mas a coisa vai muito além de simplesmente ganhar dinheiro, é prazeroso a gente saber que está vendendo um produto que é diferente, é muito melhor, a gente sabe que não “ta” enganando ninguém, ajuda claro nas finanças, mas não é isso que importa. A gente entrega alguma coisanos supermercados aqui de perto, mas a nossa decisão é mais voltada para a feira e para o Pnae e Paa. (ENTREVISTA 04, AGRICULTOR FEIRANTE, AGOSTO, 2015).

Nesse trecho da conversa o agricultor deixa claro o predomínio das instituições informais e também de pensarmos em um mercado não visto como uma disputa de poder e de valores financeiros, mas sim de construção social carregada de cunho ideológico e moral que partindo dos agricultores pode ser percebido.

As instituições informais são também a base para a reprodução social das famílias agricultoras se manifestam através da participação na feira, na forma como decidem e operacionalizam o trabalho em equipe bem como pelo fato da forma associativa como se organizam. Convém observar também que as instituições informais conforme Plein (2016) podem vir a serem fatores que vão permitir ou não a incorporação das regras formais.

A permanência da feira representa para alguns a continuidade da reprodução social da família, a forma de prospectar novos adeptos para a agroecologia e desenvolver a consciência principalmente sobre os tipos de alimentos que são consumidos diariamente.

Tal situação vai depender da aplicação das regras, sejam elas as formais ou hábitos, costumes e tradição, por exemplo, isso North chamou de *enforcement*, sendo que não importa quais instituições formais ou informais estejam preponderando no momento o que vai determinar a forma de organização e a complexidade do processo de comercialização é como elas vão ser aplicadas ou absorvidas pelos participantes, nesse caso os produtores, consumidores, entidades e organizações participantes, ou seja, os jogadores. E segundo Darolt (2013, p. 156) tudo isso vai “estimular a aproximação entre a cidade e o campo, entre consumidores e produtores” (DAROLT, 2013, p.156).

Se de um lado observou-se que a aplicação das regras formais causa estranheza para alguns agricultores para o que chamaram de excesso de cuidado com a agroecologia, por outro as instituições informais tem um papel importante no acatamento das formais.

Com relação à formação de preço observou-se que não existe engessamento de decisões, o que pode sinalizar a importância da coletividade, uma vez que as decisões são tomadas em coletivo, com apoio da cooperativa.

Na feira mais perceptível foi decisão ideológica e social representada pelo anseio dos feirantes em dispor seus produtos para uma gama maior de pessoas, que independente de sua posição social pudesse adquirir produtos cujo modo produtivo beneficia o ambiente sem uso de agrotóxicos por exemplo. Notou-se como em partes da entrevista:

A gente não fica rico com a feira, ela ajuda claro na renda, mas o que a gente quer é gente vindo comprar coisa boa aqui, com um preço que todo mundo possa vim e pagar, não só para a elite, mas para povo como nós, e aos poucos a gente vai conquistando a confiança, o respeito por um modo de vida que não é pra ficar rico, só de saúde...(risos). (ENTREVISTA 6, AGRICULTOR, SETEMBRO DE 2015).

Outro feirante fala que “a gente decide todos juntos o que vender, e a quanto vender, estamos em dois grupos, mas a gente é unido porque aqui ninguém quer

ficar rico, só dar a oportunidade de todo mundo comer coisa boa e de qualidade por um preço justo.” (ENTREVISTA 8, AGRICULTOR FEIRANTE, SETEMBRO, 2015).

Percebe-se nas entre linhas que a feira como modelo agregador de renda é um detalhe para os feirantes, pois existem elementos maiores norteadores do processo, tendo em vista que nenhum dos entrevistados citou a decisão de participar da feira como aspecto meramente econômico. Ao contrário as mulheres citaram que gostam de participar porque saem de casa, conhecem mais pessoas, ou seja, reproduzem socialmente seus anseios e alegrias.

De acordo com as entrevistas os agricultores optaram participar da feira em sua maioria pela valorização de sua produção, pelo contato e reprodução social que a participação representa e a oportunidade de dispor seus produtos para a sociedade e para agregar renda. Conforme a entrevista 7 (AGRICULTOR FEIRANTE, SETEMBRO DE 2015) que disse ter iniciado a produzir agroecologicamente a partir de 2002 nas palavras dele: “era preciso voltar, resgatar aquilo que era bom e que a gente havia parado e hoje a gente disponibiliza para todos que querem.”

Foram identificadas na feira que as instituições informais são preponderantes e motivadoras para a inclusão da produção nessa linha de comercialização, a decisão de participar obedece ao que os feirantes alegaram ser munido mais de um viés social, ideológico e moral que econômico e financeiro, conforme já relatado em entrevistas anteriormente citadas.

Com essa abordagem a busca é por identificar instituições que fragilizem o processo de comercialização na feira, quer seja provocado por regras formais, informais ou pela aplicação dessas.

Durante a pesquisa de campo percebeu-se que entre os feirantes a desmotivação vem para a maioria dos entrevistados na falta de tempo e na dificuldade de conseguir produzir tudo que gostaria; em segundo lugar a falta de apoio à agroecologia quando comparada à agricultura convencional que ajudada pela mídia pode causar alienação e exerce domínio sobre a sociedade.

Porém em alguns casos os entrevistados que mais ideologicamente se posicionam dizem não possuir desmotivações como citou uma entrevistada: “eu sou igual manteiga, quanto mais me batem mais firme eu fico, nada me desanima, eu sei que estou fazendo a coisa certa.” (ENTREVISTA 2, AGRICULTORA FEIRANTE, AGOSTO, 2015). Essa citação da agricultora demonstra o sentimento da maioria dos feirantes, no sentido que a desmotivação não é pelo caminho escolhido, mas sim por não poder fazer mais nele, a desmotivação é por não conseguir ampliar os horizontes como gostariam.

Foi consenso entre os entrevistados sobre a perspectiva da continuidade da feira agroecológica em Laranjeiras do Sul: de que gradativamente vai haver um aumento na procura pela alimentação saudável, que aos poucos a sociedade vai compreender a manipulação midiática e de grandes redes alimentícias quanto aos alimentos consumidos, conforme citado pelo entrevistado 1, (AGRICULTOR FEIRANTE, AGOSTO DE 2015), “[...] é um trabalho formiguinha, a gente vai de pouquinho em pouquinho vendo que vem aumentando a procura, o povo ta

começando ver que tão comendo coisa só com veneno e vai ficando com medo, por isso vai melhorar.”

Para que ocorra a venda na feira, organizam-se os dois grupos de produtores agroecológicos e conjuntamente decidem como esta vai ser organizada tratando-se de um exemplo prático de construção social de mercados, uma vez que os agricultores organizam a produção, o transporte e a venda diretamente para os consumidores, não existindo relações de poderio um em detrimento ao outro, participam homens, mulheres e os jovens que conforme observado trabalham todos com entusiasmo e dedicação.

De acordo com as entrevistas coletadas não existe relação de poder que aufira domínio sobre os agricultores apesar de precisarem ser respeitadas normas e leis como o exemplo da certificação isso não afeta negativamente o desempenho das atividades, bem como identificou-se o confronto aos métodos convencionais de produção e de concepção conforme citou o entrevistado:

[...] a gente é vítima de um sistema, mas eu não me curvo a isso, [...]o próprio sistema cria nós que “tamo” fora desse sistema que só trabalhamos, vamos dizer assim, se “batemo”, “se batemo” e acabamos não tendo resultado, no entanto nós começamos a pensar diferente do sistema e organizamos novas formas de produção, que muitas vezes gera estranheza, mas que com o tempo vai aparecendo a produção, aceitação, a provar com debate...e nesse debate gera conhecimento [...] e tomara que esse debate faça a sociedade e daí só depende dela acordar e desconfiar que alguma coisa ta errada. (ENTREVISTA 8, AGRICULTOR FEIRANTE, SETEMBRO DE 2015).

A citação remete ao pensamento da comercialização agroecológica como um contra movimento (EHLERS, 1999), à uma mudança no sentido a ser seguido surgindo assim novas formas de pensar e de fazer, incrementando as instituições já existentes através dos debates e da contrariedade.

Reconhecida a participação da cooperativa e de associações como entidades macro que presta o apoio necessário para o desenvolvimento e conforme citado pelo entrevistado 7 o apoio da prefeitura cedendo o espaço que inclusive vai deixar de ser ao ar livre e passar a realizar-se em local próprio na mesma praça.

A forma e o modo de tomar as decisões sobre o que vender, como vender, para quem vender e a que preço demonstra a maleabilidade do processo, a autonomia das partes envolvidas, por isso tal questão é de suma importância e representa o quanto produtores e envolvidos nos mercados possuem dessa autonomia possibilitando a construção de mercados a partir da vontade própria dos agricultores.

Com relação aos feirantes observou-se a existência maior reprodução social, que além de produzirem seus alimentos colocam à disposição dos consumidores e ambos se reconhecem mutuamente na hora da venda na feira, pois lá estão presentes produtores (que fazem a venda) e consumidores que conforme observado na pesquisa de campo em sua maioria participa da feira por opção.

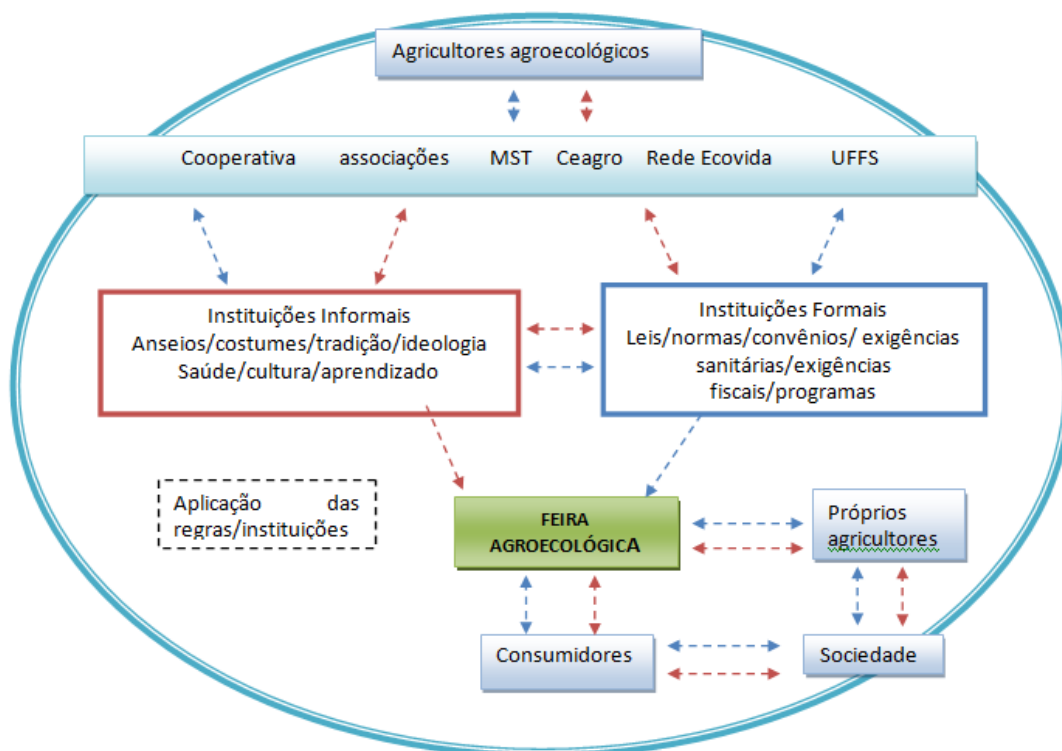
Os agricultores produzem e em coletivo junto à cooperativa ou associação decidem o que vão vender sendo que também em conjunto decidem os preços a ser praticados pelos dois grupos participantes da feira, ressaltando que nenhuma das

peças entrevistadas citou a formação de preços pensando em ganho de escala, mas sim como alternativa e que por questões ideológicas não buscavam somente a agregação de renda. Com relação aos clientes

A fim de dinamizar o estudo institucional da feira, os autores propõem um esquema explicativo que visa agregar todas as variáveis envolvidas na análise. Mesmo que de forma indireta esse esquema distribui no processo as partes envolvidas.

Identifica-se por meio deste os “jogadores” ou participantes do processo de comercialização via feira; as instituições; os agricultores no topo da figura até os consumidores finais e o fluxo institucional entre todos os elos da cadeia, note-se na figura 2 que representa de forma sistemática o emaranhado institucional no qual as feiras se constituem, sendo que ao topo estão os agricultores que produzem agroecologicamente e abaixo as organizações ou entidades que fazem parte e que foram citadas durante as entrevistas; essas por sua vez direcionam a aplicação de instituições formais e outras as informais. Tudo isso culmina na feira, as setas vermelhas representam as instituições informais e as azuis as formais que são moldadas, criadas e evoluem com a interação entre todos os participantes do processo de comercialização. Como se trata de uma visão cíclica demonstra que a dinâmica não é finita, e gradativamente as instituições vão evoluindo e dinamizando outros processos, que iniciado com os agricultores se direciona para a sociedade no geral, que em alguns casos mesmo sem perceber acaba participando do processo de formação e crescimento institucional desse mercado.

Figura 2 - Esquema explicativo institucional da feira agroecológica em Laranjeiras do Sul- PR



Fonte: Elaborada pelos autores, 2015.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com objetivo de identificar as instituições pertencentes ao desenvolvimento da feira agroecológica em Laranjeiras do Sul, sugere-se que esta é fomentada especialmente pelas informais, quer seja pela vontade dos agricultores, pela forma como se organizam ou pela vontade de dispor a produção agroecológica para mais consumidores para além das suas famílias.

Nota-se o resgate de valores e a ideologia representada pela participação ao Movimento Sem Terra e o fator renda ter ficado em segundo plano de acordo com as entrevistas. É uma construção social de um mercado que valoriza os produtos locais e implanta anseios e cria novas instituições ampliando a participação das famílias, especialmente das mulheres.

Por tratar-se de uma pesquisa qualitativa, sugerem-se para o momento da pesquisa tais considerações, porém como não se trata de processo estático, engessado e considerando a evolução e aplicação das instituições formais e informais ao longo do tempo, pode ser proposto novo estudo posterior para acompanhamento dessas verificando lacunas e avanços ao longo do tempo.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Ricardo. Uma nova extensão rural para a agricultura familiar. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA E EXTENSÃO RURAL, 1., 1997, Brasília. **Anais...** Brasília: PNUD, 1997.

_____. **Paradigmas do capitalismo agrário em questão.** São Paulo; Rio de Janeiro; Campinas: Hucitec; Anpocs; Unicamp, 1992.

BRASIL. **Presidência da República, Lei 10.831/03**, de 23 de dezembro de 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.831.htm>. Acesso em: 16/10/2014.

_____. **Presidência da República, Lei 11.326/06**, de 24 de Julho de 2006. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11326.htm>. Acesso em: 15/02/2015.

DAROLT, Moacir Roberto. Circuitos curtos de comercialização de alimentos ecológicos: reconectando produtores e consumidores. In: NIEDERLE, Paulo André. ALMEIDA, Luciano de. VEZZANI, Fabiane Machado (orgs.). **Agroecologia: práticas, mercados e políticas para uma nova agricultura.** Curitiba: Kairós, 2013.

DULLEY, R. D. et al. Passado, ações presentes e perspectivas à Associação de Agricultura Orgânica (AAO), São Paulo, Brasil. **Informações econômicas**, v. 30, n. 11, p. 16-23, 2000.

EHLERS, Eduardo. **Agricultura sustentável: origens e perspectivas para um novo paradigma.** 2 ed. Guaíba: agropecuária. 1999.

GALA, Paulo. **A teoria institucional de Douglass North**. Revista de Economia Política, v. 23, n. 2, p. 89-105, abr/jun. 2003.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Laranjeiras do Sul**. Dados completos. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codumn=411330&search=parana|laranjeiras-do-sul|infograficos:-informacoes>>. Acesso em: 17/06/2015.

_____. **Censo agropecuário 2006**: agricultura familiar – primeiros resultados – Brasil, grandes regiões e unidades da federação. Rio de Janeiro: IBGE, 2009.

_____. **Censo agropecuário 2006**. Brasília, 2006. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/agropecuaria/censoagro/2006_segunda_apuracao/default.shtm>. Acesso em: 23/05/2015

LAMARCHE, Hugues (coord.). **Agricultura familiar**: uma realidade multiforme. Campinas: Unicamp, 1993.

NORTH, Douglass Cecil. Economic performance through time. **The American Economic Review**, v. 84, n. 3, p. 359-368, Jun. 1994b.

_____. **Institutions, institutional change and economic performance**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

_____. Institutions. **The Journal of Economic Perspectives**, v. 5, n. 1, p. 97-112, 1991.

PLEIN, Clério. **Desenvolvimento, mercados e agricultura familiar**: uma abordagem institucional da pobreza rural. Curitiba: CRV, 2016.

PLOEG, Jan Douwe Van Der. **Camponeses e impérios alimentares**: lutas por autonomia e sustentabilidade na Era da Globalização. Porto Alegre: UFRGS, 2008.

POLANYI, Karl. **A grande transformação**: as origens da nossa época. 2. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

WANDERLEY, Maria de Nazareth B. **O mundo rural como um espaço de vida**: Reflexões sobre a propriedade da terra, agricultura familiar e ruralidade. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

WEZEL, *et al.* **Agroecology as a science, a movement and a practice**. A review. 2009. Disponível em: <<http://agroeco.org/socla/wp-content/uploads/2013/12/wezel-agroecology.pdf>>. Acesso em: 14/06/2015.

WUERGES, E.W; SIMON A.A. Feiras-Livres como uma forma de popularizar a produção e o consumo de hortifrutigranjeiros produzidos com base na Agroecologia. In Resumo do V CBA: sociedade e natureza. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v. 2, n. 2, p. 567-570, out/2007.